

Branco da discórdia

Não aconteceu nada. Pelo menos, que se saiba. Os prováveis retoques no quadro pelas pinceladas do horário eleitoral não são visíveis nem foram captados pela última pesquisa do Ibope.

O instantâneo que ela colheu já aparece desfocado pela rapidez com que as cores do fundo se alteram com as mudanças no cenário. O que ora se expõe é o flagrante das tendências do voto no exato momento do início da propaganda no rádio e na TV. Registra a posição dos candidatos na linha de partida ou depois da última curva da pista, na arrancada para a reta final. As consultas foram realizadas entre 14 e 18, cobrem a véspera, encerrando-se no dia em que os candidatos entraram no palco nacional das telas de televisão e empunharam os microfones para o desfile das promessas e potocas à imensa audiência popular das rádios de todo o país.

O que não quer dizer que não seja importante como efêmero dado de especulação e ponto de referência para a comparação com as próximas pesquisas, no chorrilho de índices que deve jorrar de várias fontes até a palavra final das urnas. Entre as suas utilidades não se deve desprezar os indicadores que assinalam o salto significativo do presidente-candidato de 40% para 44%, quatro pontos em oito dias na retomada do crescimento. E a queda de dois pontos, dos índices de Lula, escorregando de 23% para 21%, oscilação dentro dos limites de suas marcas históricas.

Nada que justifique antecipadas comemorações de um lado ou a suicida crise de desespero que baixou como névoa ofuscante sobre a frente oposicionista. Pois o desafio continua posto nos mesmíssimos termos: Lula necessita inverter a tendência declinante que o despejou da euforia dos 28% do empate técnico com Fernando Henrique na idílica lua-de-mel com eleitor de abril e maio e evitar que a parada seja decidida no primeiro turno, forçando o mano a mano para a definição no segundo turno.

Convém esperar no mínimo três pesquisas que assinalem tendências consolidadas, para que se dissipe o nevoeiro e se possa enxergar à distância a fita de chegada.

Mas, para chegar lá, Lula deve tomar providências radicais e imediatas para colocar ordem na casa, acabando com a balbúrdia insensata que enquadrrou sua campanha na velha e sábia sentença: aliança em que falta voto, todos berram e todos têm razão.

É inconcebível e inexplicável o episódio da troca do vermelho de 20 anos de tradição petista — a cor da luta, do sangue, das bandeiras revolucionárias —, pelo branco da pomba da paz de Picasso, da “bandeira branca, amor, eu quero paz”, dos lençóis, das fronhas e fraldas, das ambulâncias, do cisne, do uniforme dos médicos e das enfermeiras. E pior a emenda do que o soneto de pé quebrado: as reações da cúpula, dos candidatos e das lideranças denunciam absurda desordem na cozinha da campanha. Lula põe panos quentes, anunciando remendos rubros na brancura dos anúncios do detergente petista. Insurge-se Brizola, reclamando, com toda a razão, que não foi ouvido nem cheirado sobre a caiação da chapa e que branca é a bandeira da rendição. O presidente do PT, deputado José Dirceu, armou escarcéu com a equipe da propaganda, inconformado com o derrame de leite no estandarte da sigla.

Como ninguém gostou, conclui-se que não foram previamente informados. E que, portanto, trata-se de truque publicitário da exclusiva iniciativa dos marqueteiros. O que é inverossímil. Se não é desculpa esfarrapada no rombo dos fundilhos, muito pior. Então, marqueteiros mudam a cor-símbolo da campanha por conta própria, sem a concordância expressa dos candidatos e dirigentes frentistas?

Essas coisas esburacam a confiança do eleitor, desanimam o militante, corroem a esperança.

Tanto quanto a restauração da cor tradicional, a oposição anda urgentemente precisada de reunir-se, discutir e entender-se na afirmação da linha coerente de campanha. Oposição é sempre crítica, veemente até a exaltação. Bem humorada, alegre, otimista. Passando confiança ao eleitor e não a triste imagem resmungona do desatino diante do fantasma da derrota carpida antes da hora, nos espermeios do desespero, das acusações a torto e a direita, atirando a esmo com a metralhadora descalibrada, a despejar balas que ricocheteiam e atingem os canhestros atiradores que desperdiçam munição antes da batalha.